

Entre os muros da escola: Possibilidades para rever as noções de disciplina e avaliação¹

Tereza Maria Trindade da Silva²

Henrique Melo Ribeiro³

Frederico Rodrigues Campos⁴

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão a respeito das discussões educacionais proporcionadas com a leitura do Filme “Entre os Muros da Escola” (Entre les murs / The Class, França, 2008), dirigido por Laurent Cantet. Pretende-se discutir os aspectos da sala de aula representados no referido filme, utilizando os conceitos da etnografia, promovendo uma reflexão crítica a respeito da meritocracia, disciplina e a avaliação.

Palavras-chave: *educação, disciplina, meritocracia, etnografia, avaliação.*

Introdução

Entre os Muros da Escola (Entre les murs / The Class, França, 2008) é um longa metragem dirigido por Laurent Cantet que mostra a organização de uma escola de Paris, onde atuam o professor François e demais colegas. Eles se esforçam e tentam evitar que os conflitos os impeça de continuar a proporcionar uma educação escolar para seus alunos. Deparam-se com o desafio da diversidade cultural e os comportamentos decorrente dela, que se confrontam na sala de aula em uma França contemporânea. François e a direção da instituição insistem em um ambiente de respeito e aplicação dos seus alunos dentro da ótica da tradicional de ensino num ambiente repleto de normas e regras.

A trama evidência a decadência do modelo tradicional de ensino, um ensino pensado por muitos anos para “a-lumnos”, ou seja, “sem luz”, desconsiderando a diversidade e as expectativas dos educandos.

¹ Texto produzido para a disciplina “Didática: Alternativas para Educação de Jovens e Adultos”, ministrada pela professora Doutora Carmem Lúcia Eiterer.

² Aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e bolsista de iniciação científica do CNPq.

³ Graduado em Pedagogia com ênfase em Gestão pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

⁴ Aluno do Curso de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Toda a ação do filme encontra-se encenada nas salas, nos corredores e nos pátios de um colégio de Paris, sobretudo apresenta a história de uma turma da sétima série durante um ano letivo. François Marin, um professor de francês vivido por François Bégaudeau, vive um professor oprimido pela difícil realidade de se exercer o papel de educador num centro urbano como Paris. Seu esforço em fazer com que seus alunos incorporem o idioma francês é um dos pontos limites da trama e que pode ser interpretado como uma espécie de "processo civilizador" imposto a esses alunos de diferentes etnias. Marin muitas vezes se parece se esquecer do enorme fosso social que há entre a sociedade francesa e sociedades compostas por adolescentes de 13 a 15 anos latino-americanos, negros, africanos, árabes, asiáticos e franceses das camadas populares. É a linguagem o grande campo de batalha onde é travado o conflito cultural encenado neste filme.

A obra se sustenta basicamente apenas com longos diálogos, que buscam retratar de maneira simples e espontânea as tensões vividas em sala de aula. É uma amostra contundente sobre o modo como a França trata com seus cidadãos saídos de ex-colônias ou de outras realidades que os tornem desfavorecidos. Além disso, “Entre os Muros da Escola” tem muito a dizer também sobre a relação professor-aluno de modo geral, independente do contexto social. Mais do que contundente, é um drama sufocante sobre uma relação que acima de tudo é de poder e percebemos uma barreira que se inicia no campo da linguagem.

A narrativa muitas vezes sufoca porque François, o professor protagonista (que “filtra” para nós não apenas as ações dos alunos como também dos outros professores), a todo instante busca uma cumplicidade com seus alunos. Há, por exemplo, os imigrantes africanos que trazem para a sala um histórico familiar complicado e a dificuldade de adaptar-se em um mundo de uma realidade controversa à sua; há o menino chinês que se esmera em matemática, mas vai mal na aula de francês. O modo como François conversa com a classe dá a entender que, num ambiente tão heterogêneo, a única maneira a alcançar cada um dos alunos é falando-lhe individualmente. Mas o filme mostrará que, antes de qualquer coisa, impera ali a hierarquia. E François demonstra esta hierarquia através do uso social da linguagem.

As tensões estão abertas, sem ou conciliações, com conciliações temporárias. E é nesse quadro retratado que a luta pela defesa da língua francesa não encontra ecos entre os

alunos simplesmente porque estes têm seu próprio modo de expressão verbal e acham antiquada a língua francesa considerada correta. É um problema cultural que se coloca diante da escola francesa, da língua francesa e do professor de francês, sendo também um problema social imediato.

A sala de aula

Considerando a estrutura de uma sala de aula, a construção de significados e a formação dos sujeitos sócio-históricos e analisando a sala de aula exemplificada no filme, pode se pensar na importância da interação na prática de ensino e aprendizagem de educandos e professores nesse ambiente educacional. A análise etnográfica permite evidenciar os fatores que permeiam as ações compartilhadas pelos integrantes de uma determinada cultura, suas formas de socialização e constituição de significados culturais. Para Sousa (2000) a observação etnográfica deve “extravasar não só a sala de aula, como até a Escola” - pois a sala de aula é um espaço que também reflete as interações da Escola, do cotidiano dos alunos - conferindo aos professores maiores “detalhes” para uma prática inclusiva, construindo a partir disso, novos conhecimentos e novas abordagens.

A pesquisa de base etnográfica tem como principal preocupação o significado que as pessoas ou os grupos estudados constroem em relação às ações e os eventos que vivenciam. As salas de aula apresentam muitas das características dos seus docentes: a organização ou desorganização. Por exemplo, no filme, o professor François mantém um certo nível de organização que proporciona funcionalidade ao seu trabalho, e isso reflete na conduta de seus alunos. É como se o professor imprimisse uma "marca pessoal" ao comportamento de seus alunos. Os modos como o professor se relaciona e se comunica com os alunos, seu estilo de trabalhar não são separados da personalidade. Ao analisar a forma de comunicação de um professor, Perrenoud (1999) afirma que não se pode separá-la de seu capital cultural, seu saber viver, sua ética, sua motivação. Sob esse ponto de vista, a disciplina depende muito do docente. Entretanto, ressalta-se, que a interiorização dessa disciplina se revela como um processo de transformação dessas “informações normativas”, em que o aluno se apropria de determinadas condutas.

Sabemos que o ambiente educacional exerce um papel importante na constituição do sujeito, muitas vezes o bom aluno não é apenas aquele que domina bem a matéria

curricular e sim aquele que se empenha nas atividades propostas ou impostas e respeita as suas regras. Segundo Geraldi (1997)

“os sujeito se constituem como tais a medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como produto deste mesmo processo. Neste sentido o sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui. Também não há sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas.”(Geraldi, 1997:6)

Observamos que o professor François se preocupa com a situação familiar de seus alunos, visto que são alunos de classe social de baixa renda. Nesse sentido, sem dúvida alguma, a família exerce grande influência na vida escolar da criança, mas seu poder não é irrestrito, o ambiente familiar é formador, porém não é irreversível. Para Rego (1996), mesmo as crianças provenientes de lares comprometidos, cujo ambiente familiar é desprovido de adequadas orientações, terão condições de superar as adversidades caso tenham a oportunidade de vivenciar um modelo diferente de educação. É possível constatar que mesmo em uma estrutura familiar comprometida, os alunos conseguem desenvolver habilidades, tanto ao desenvolvimento escolar quanto o social, como por exemplo, o professor François quando se deparou com um aluno que não sabia escrever percebeu que poderia explorar outras habilidades, as fotografias do seu celular, fazendo com que ele se interessasse pela atividade.

Escola e a disciplina

A nosso ver a escola ideal busca uma educação transformadora, com vista ao bem comum, sem exceção, desenvolvendo a solidariedade e a criatividade com práticas democráticas e participativas. A Educação proposta em muitos casos é entendida no seu sentido social, sem ser assistencialista, mas comunitária, que valorize e promova seres humanos críticos, capazes de fazer a leitura do mundo, nele estabelecendo e vivenciando relações, observando, comentando e identificando-se no seu meio, conscientizando-se das suas necessidades e possíveis soluções.

As normas de convivência da escola, na produção de Cantet, baseiam-se em princípios de disciplina como forma de organização escolar e muitas vezes como controle do comportamento dos alunos. Busca-se uma relação de parceria comprometida entre a

Escola e a família. Nas relações entre educadores e educandos preconizam-se princípios de convivência democrática tanto na sala de aula, como em todo o espaço escolar, observando-se as legislações vigentes, buscando-se o respeito, a solidariedade e o comprometimento mútuos.

Quanto à comunicação nos espaços escolares, para Perrenoud (1999), não é objeto de uma representação puramente descritiva; ela é associada a uma norma ou a um contrato mais ou menos explícito sendo crucial o seu controle para a regulação da relação pedagógica, das situações didáticas e das aprendizagens dos alunos. Isto é, para este autor, dependendo do tipo de comunicação na sala de aula, haverá maior ou menor adesão dos alunos às tarefas propostas, melhor ou pior uso do tempo, da tomada da palavra, da construção de um clima propício às aprendizagens.

Segundo Perrenoud (1996), os alunos não têm plena consciência de aprenderem e de exercerem um ofício. As atividades desenvolvidas pelo aluno no âmbito da escola são interpretadas pelo autor como um “ofício de aluno” ou um “gênero de trabalho determinado” cuja característica marcante está no fato de que o professor é aquele que ensina e o aluno aquele que aprende. O ofício de aluno requer competências e habilidades que necessitam ser desenvolvidas na escola como um todo. No ofício de aluno há, com certeza, inúmeras rotinas para aprender, pois é necessário que o aluno aprenda e apreenda as atividades e as tarefas concernentes ao ambiente escolar. Existe uma autonomia/dependência, ou seja, o aluno tanto pode reproduzir quanto pode criar, e é isso que poderá dar um caráter complexo ao próprio ofício de aluno. Na escola, os alunos mantêm uma relação estratégica com as regras e mesmo na escola primária, bem longe de realizarem continuamente tudo o que se lhes pede, ainda que com um sucesso desigual, os alunos tentam negociar ou virar a seu favor as regras e as ordens. Essas estratégias vão desde a agir segundo as regras e jogar com as regras.

Conforme afirma Castanheira (2004), o conhecimento que os sujeitos têm a respeito das normas societárias de participação e as ações para redefinir ou estabelecê-las são elementos constitutivos da aprendizagem. Toda sala de aula necessita de controle, mas sua utilização deve ser consciente e não impulsiva. Esse controle deve ocorrer apenas no momento necessário, visando a preservação da dignidade e a formação da autonomia do aluno.

É indispensável frisar que a autoridade docente somente será garantida se houver clareza dos propósitos da interação, tanto para professores quanto para alunos; uma nítida percepção dos papéis e das atribuições inerentes a cada parte envolvida; hábitos e regras de convivência claros, estabelecidos e respeitados por todos e resultados que espelhem o processo cotidiano de interação e, principalmente, um compromisso genuíno com o processo pedagógico.

A compreensão de que uma mediação adequada entre o professor e seus alunos pode otimizar o desenvolvimento e aprendizagem, e lança luz sobre a importância de se conhecer efetivamente como ocorre tal processo e, desse modo, implementar intervenções capazes de fomentar uma educação de qualidade. Especialmente na Educação de Jovens e Adultos, para efetivar essa mediação, o professor precisa entender as condições sócio-históricas em que os alunos e ele próprio, se constituíram como seres sociais.

A avaliação e mérito

De acordo com Sobrinho (2002), a avaliação é uma atividade que faz parte da vida humana, está presente no cotidiano e constitui parte da cultura escolar como se fosse natural tanto para pedagogos quanto para os alunos no que se refere à comprovação da aquisição de conhecimento. Mas, na avaliação, num conceito mais geral, “pode haver relações, sentidos e intencionalidades que pouco ou nada têm a ver com a questão das aprendizagens e da formação humana, isto é, não apresentam uma intencionalidade educativa”.

Antes mesmo da institucionalização da escola, na sociedade, a avaliação já era praticada como mecanismo de seleção social, ou seja, uma forma de distribuição dos indivíduos nos lugares sociais e nas hierarquias de poder e prestígio. Sendo um fenômeno social, a avaliação é constituída de múltiplas dimensões que se inter-relacionam, visto que, está ligada às diversas atitudes e valores dos alunos, legitimando saberes, profissões e hierarquizando-os, perante a sociedade, nos seus lugares “merecidos”. Conforme afirma Dubet (2004) “em uma sociedade democrática, ou seja, em uma sociedade que em princípio postula a igualdade entre todos, o mérito pessoal é o único modo de construir desigualdades justas, isto é, desigualdades legítimas, já que as outras desigualdades, principalmente as de nascimento, seriam inaceitáveis” (Dubet, 2004: 550)

Segundo Perrenoud (1999) é comum os professores avaliarem mais a pessoa do aluno do que sua aprendizagem. Cada professor cria sua hierarquia de excelência entre ele e seus alunos, dividindo a sala de aula em grupos de alunos favorecidos e desfavorecidos. A excelência julgada no dia-a-dia não é diferente da nota da prova. O aluno passa por uma avaliação formal que constitui os instrumentos de avaliação - provas, exercícios - e uma avaliação informal, que são as construções por parte do professor acerca dos juízos ou preconceitos sobre o aluno.

Vemos ainda que Dubet (2004) discute conceitos muito complexos de igualdade e de justiça escolar que acabam subsidiando as políticas compensatórias dentro da educação. E a grande questão é compreendermos que um sistema justo é aquele que assegura uma certa independência entre as diversas esferas que vivemos: políticas, econômicas, culturais, raciais. O “x” da questão é que ao ser criado uma desigualdade em algumas dessas esferas citadas anteriormente, isso pode e deve gerar desigualdades nas outras esferas. Dessa maneira, desigualdade de renda gera desigualdade política, social, educacional, de saúde entre outras. E nesse sentido ele lança uma reflexão que se encontra extremamente reveladora no filme visto que a questão é provocadora na França, pois pensamos que as desigualdades escolares são justas, mas as desigualdades econômicas e sociais não o são. Percebe-se nas discussões entre os professores a preocupação com as desigualdades sociais e econômicas vivenciadas pelos seus alunos, no entanto a idéia do sucesso escolar está ligada aos méritos dos estudantes. É como se não houvesse a interferência de outras questões, senão as de cunho cognitivas, no campo do ensino e aprendizagem.

Esta é uma questão muito em alta no Brasil. E se não bastasse isso, é ainda grande motivo de justificação entre o abismo educacional que perpassa as gritantes desigualdades sociais, econômicas, raciais e de gênero enfrentadas no país, principalmente na EJA.

No entanto este olhar sobre a escola nos direciona emocionalmente a uma análise e talvez a uma imóvel conclusão de que os “vencidos” – aqueles excluídos historicamente – sempre continuarão no lugar onde estão por total culpa social e escolar. Esses alunos, como indica Dubet, serão tratados de forma melhor quando se começar a pensar que para termos uma escola justa, devemos educar a todos independentemente de seu desempenho escolar, quando estudantes e pais se associarem à vida escolar e estes sujeitos forem tratados como seres em evolução. A questão não está em acabar simplesmente com a escola

meritocrática. É preciso aprender a defender outras maneiras e princípios de justiça e a combiná-los com o modelo meritocrático.

Nesse sentido de análise, Sousa (2000) considera que é necessário que a escola adquira outra postura frente à realidade que a envolve. Ela conclama aqueles que ensinam a pensar como aqueles que aprendem; a pensar que esses sujeitos são seres sociais portadores e envoltos num mundo de crenças, significados, comportamentos, atitudes e valores diversos. E é dentro desse mundo cheio de novidades e diversidades que “Entre os Muros da Escola” retrata diretamente a realidade de um outro grupo dentro da escola: aquele que é excluído por ela, que não participa de sua lógica elitista e que se encontra muito próximo dos rumos que ela gostaria de imprimir-lhes.

Conclusão

Pensarmos a realidade dentro dos muros escolares para fora deles sempre nos pareceu dizermos, no senso comum, sobre duas realidades diferentes. A de dentro do muros sempre foi escrita como uma realidade perfeita em que seres a atingirem a perfeição aprendiam o que seres mais que perfeitos ensinavam e que aquela realidade que se passava exterior aos muros da escola só seria mudada se todos participassem da lógica da Escola.

A lógica dessa Escola é a de que estarmos todos numa sociedade democrática nos faz considerarmos todos os alunos de igual modo. Quando, claramente, eles têm modos de pensar e de viver diferentes uns dos outros. E isso é retratado constantemente pelo filme.

Para o público brasileiro, a imagem de alunos que questionam a autoridade do professor e até mesmo são agressivos possibilita outra discussão, que extrapolaria certamente a sala de aula. Trata-se de um retrato que talvez não seja diferente do que vemos por aqui, em que é comum o relato de desrespeito ao educador. Mas ver que essa imagem de desrespeito acontece em países de ponta joga a questão do papel do educador para outras discussões. Talvez para pensarmos se não é mesmo esse o jogo que a elite deseja do professor: que ele continue reproduzindo sujeitos de grandes dificuldades sociais através de sua própria dificuldade, a de ser professor.

O que realmente se faz importante salientar, é que a aprendizagem deve ser o resultado do saber adquirido para acompanhar o amadurecimento intelectual e cultural do

aluno. O professor deve entender e conhecer a realidade do aluno antes de avaliá-lo segundo seus princípios, suas normas e seus méritos partindo do pressuposto de que o aluno vai à escola não com o objetivo de ser aprovado ou reprovado por suas atitudes, mas sim, na pretensão de aprender e se desenvolver como um ser social.

Filmografia

Título no Brasil: “*Entre os Muros da Escola*”

País de origem: França

Ficha técnica

Título original: *Entre les Murs*

Gênero: drama

Tempo de duração: 128 minutos

Ano de lançamento (França): 2007

Site oficial: www.sonyclassics.com/theclasse

Estúdio: Canal+ / France 2 Cinéma / Haut et Court / Memento Films Production/ Centre National de la Cinématographie

Distribuição: Sony Pictures Classics/ Imovision

Direção: Laurent Cantet

Roteiro: Laurent Cantet, François Bégaudeau e Robin Campillo, baseado em livro de François Bégaudeau Produção: Caroline Benjo, Carole Scotta, Barbara Letellier e Simon Arnal

Fotografia: Pierre Milon, Catherine Pujol e Georgi Lazarevski

Figurino: Marie Le Garrec

Edição: Robin Campillo e Stéphanie Léger

Elenco: François Bégaudeau (François Marin), Nassim Amrabet (Nassim), Laura Baquela (Laura), Cherif Bounaïdja Rachedi (Cherif), Juliette Demaille (Juliette), Dalla Doucoure (Dalla), Arthur Fogel (Arthur).

Referências Bibliográficas

CASTANHEIRA, Maria Lúcia. *Aprendizagem contextualizada: discurso e inclusão na sala de aula*. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2004.

DUBET, François. O que é uma escola justa? *Cad. Pesqui.* [online]. 2004, vol.34, n.123, pp. 539-555.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERRENOUD, P. *O Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora, 1996.

_____. *Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: Entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

REGO, T.C.R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J.G. (org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus Editorial, 1996. p. 83-102.

SOBRINHO, José Dias. Campo e caminhos da avaliação. In: FREITAS, Luiz Carlos de (org). *Avaliação: construindo o campo da crítica*. Florianópolis: Editora Insular, 2002.

SOUSA, J. M. O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural. *PSI*. Revista da Universidade Estadual de Londrina, vol. 2, nº 1 - jun/2000